

“O país está livre da inadimplência”

por Cláudia Safatle
de Brasília

O País está livre da inadimplência externa. Os recursos externos voltarão a fluir nas próximas semanas — mas não na mesma proporção e no mesmo esquema, porque alguns bancos, intimidados, abandonaram o processo no meio do caminho — e prevalece, agora, um clima de maior otimismo, apesar do duro trabalho que há pela frente.

Essas declarações foram feitas pelo chairman of the board do Bank of Montreal, um dos 14 bancos que compõem o comitê de assessoramento da dívida externa brasileira. Willian Mulholland, em entrevista após almoço com o ministro da Fazenda, Ernane Galvêas, e com o presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, advogou a necessidade de um acordo flexível entre o Brasil e o Fundo Monetário Internacional.

No momento, o disse banqueiro, persistem algumas divergências conceituais na quantificação do que o Brasil precisa. Um exemplo dessas divergências foi citado pelo chairman do Bank of Montreal: a conceituação do ouro como matéria-

prima ou elemento monetário.

A assinatura e a entrega da carta de intenção do Brasil ao FMI foram consideradas “determinantes” para a retomada das negociações, que deverão estar concluídas nos próximos dias. Ele evitou, entretanto, falar em prazo.

Mulholland descartou totalmente a possibilidade de o sistema financeiro internacional aceitar uma renegociação também dos juros da dívida externa. Contratar novos financiamentos a taxas fixas seria praticamente impossível, no seu entender. Quanto a obter “spreads” menos penosos para o País — hoje na casa dos 2,25% —, o chairman do Bank of Montreal deixou uma ligeira abertura: “O spread resulta de uma negociação”.

Seria “preocupante” se a rejeição do Decreto-lei nº 2.045 viesse a impedir a conclusão final do acordo com o FMI. Este foi o único comentário que Mulholland se permitiu fazer sobre a discussão do decreto-lei, pois, segundo ele, este não seria um problema da alçada dos bancos estrangeiros credores do Brasil.